

## O CORPO MEMORIFICADO: O TESTEMUNHO DO CORPO FEMININO NEGRO COMO FORMA DE PODER E RESISTÊNCIA

Maria Izabella Souza de Lima  
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária na Unicamp*  
Bolsista CAPES.  
*m.izabella.souzalima@gmail.com*

*Simpósio Temático nº19 – "Escrevivências Dissidentes E Subalternas Na Literatura:  
Representatividade E Subversão Do Cânone"*

### RESUMO

Em uma sociedade na qual o padrão estético é eurocêntrico o corpo negro é entendido como o oposto. Por isso uma mulher negra valorizando seus contornos e traços, e expondo isso em seus textos é uma ressignificação e subversão dos atributos antes percebidos negativos. Nota-se uma construção narrativa transgressiva, centrando a escrita em um diálogo ousado com o testemunho e a luta da mulher contra os valores patriarcais tradicionais. Assim, esse discurso subverte as categorias canônicas e desestabiliza a estrutura vigente. Para algumas mulheres negras, a literatura é o lugar de fuga e privilégio, pois esse espaço permite construções interpretativas sobre o seu corpo e seu prazer. E essas escritoras, colocam-se em lugar privilegiado de fazer poético, e na condição de locutoras, (d)escrevem uma poética feminina decolonial do corpo. E este artigo objetiva refletir sobre como as autoras amefricanas Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus exploram o corpo, o testemunho e a memória em seus escritos, propondo novas maneiras de (re)conhecimento partindo de uma emancipação política da mulher negra. Observa-se a escrita como um contradiscurso a opressão, e um tempo de possibilidades. Como aporte teórico são articulados textos de Lélia Gonzalez, Gloria Alzandua, Audre Lorde e a própria Evaristo.

**Palavras-chave:** Memória; Poesia feminina; Corpo; Escrevivência.

### ABSTRAT

In a society in which the aesthetic standard is Eurocentric, the black body is understood to be the opposite. That is why a black woman valuing her contours and features, and exposing this in her texts, is a re-signification and subversion of previously perceived negative attributes. There is a transgressive narrative construction, centering the writing on a daring dialogue with the testimony and struggle of women against traditional patriarchal values. Thus, this discourse subverts the canonical categories and destabilizes the current structure. For some black women, literature is a place of escape and privilege, as this space allows for interpretive constructions about their bodies and their pleasure. And these writers, place themselves in a privileged place to make poetics, and in the condition of announcers, (d)write a decolonial feminine poetics of the body. And this article aims to reflect on how the American authors Conceição Evaristo and Carolina

Maria de Jesus explore the body, testimony and memory in their writings, proposing new ways of (re)cognition based on a political emancipation of black women. Writing is observed as a counter-discourse to oppression, and a time of possibilities. As a theoretical contribution, texts by Lélia Gonzalez, Gloria Alzandua, Audre Lorde and Evaristo herself are articulated.

**Keywords:** Memory; Female poetry; Body; Writing.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a escrita poética feminina das autoras *amefricanas* Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, em como e exploram o corpo, a palavra e a memória em suas poesias, propondo novas maneiras de (re)conhecimento e parte de um empoderamento/emancipação política da mulher negra. Percebe-se que as autoras instituem sua escrita como um contra-discurso aos cenários opressivos, e tentam tornar por meio da vocalização do eu feminino, um tempo de possibilidades satisfatórias. E de uma nova maneira da mulher negra se enxergar com mais amor e mais potência. Importante situar que a pesquisa se dá no campo da cisgeneridade.

Em um tempo que o corpo ainda é bastante censurado, sobretudo quando se fala do corpo feminino negro, sobre o qual ainda há restrição no modo como é abordado e escrito sobre. E que é na maioria das vezes muito erotizado e sexualizado sem que se dê a palavra à mulher, sem que se pergunte quais são suas vontades. É importante nesse contexto enfatizar a maneira que a discussão levantada sobre o corpo na poesia de Conceição Evaristo é uma forma de empoderamento e libertação da mulher, e da exaltação. Assim, como a Carolina Maria, em que a autora reflete sobre como a afetividade se constrói para o corpo negro e dá voz ao sujeito mulher.

É importante notar as relações que se estabelecem entre as sensações e as imagens que percorrem o trabalho das autoras. Não se trata apenas de descrever o exótico e inserir uma imagem do feminino que se constrói como algo que deva ser apreciado, mas também de veicular as possibilidade de sobrevivência do ser humano em terras, que, por vezes, surgem como paraíso, e do empecilho à sobrevivência. O eu lírico, juntamente com ecos subjetivos - a sua história, da sua família e da sua comunidade -, que o fundam como indivíduo e como sujeito participante de um espaço-tempo.

Em seus textos é possível encontrar pelo menos dois elementos que servem de base para quase toda a sua produção poética. Primeiro, o protagonismo da figura

feminina, seja assumindo ela a voz do poema (o que ocorre na maioria das vezes). Segundo, um caráter muito comum às literaturas, a presença recorrente da cultura oral como elemento local, e traço nacional que pretende recolher e recombina o que se diz - e como se diz - no novo país, a fim de que se diferencie dos demais. Deste modo, foi possível observar os temas da sensorialidade, da afetividade e da ritualística são uma constante.

## **DESENVOLVIMENTO**

Antes de mais nada, é importante falar um pouco das autoras dos poemas aqui analisados. Assim, Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento MG, 1914 – São Paulo SP. Morou na favela do Canindé, zona norte de São Paulo, trabalhou como catadora e possuía o hábito de registrar o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Um destes cadernos deu origem ao livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* publicado em 1960, e após lançamento teve outras três edições, mais de 100 mil exemplares vendidos, traduzido para 13 idiomas e vendido em mais de 40 países. Publicou ainda o romance *Pedaços de Fome* e o livro *Provérbios* ambos em 1963. Ainda foram publicados livros de poesia, dentre *elas Cliris: poemas recolhidos* em que um dos poemas é analisado neste trabalho.

A autora é considerada uma das mais importantes escritoras negras do Brasil. E em seus textos, e até em entrevistas sempre buscou refletir sobre a realidade social na qual estava inserida, como também afirmava uma necessidade de mudança do mundo através das palavras, através das artes. Em sua escrita há uma tendência em impactar o leitor através da sua memória e de suas vivências. Produzindo assim, um encontro com o outro, o leitor, a partir de si.

Já Conceição Evaristo é poeta, romancista e contista, militante do movimento negro. Nasceu em 1946 numa favela da zona sul de Belo Horizonte, conciliou seus estudos com o trabalho de empregada doméstica. Aos 25 anos, no início dos anos 1970, se mudou para o Rio de Janeiro, onde estudou Letras na UFRJ. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série *Cadernos Negros*, publicada pelo grupo Quilombhoje. É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Sua obra mais conhecida é o romance

Ponciá Vicêncio, de 2003, que foi traduzido para o inglês e publicado nos Estados Unidos em 2007.

A autora vem trazendo em seus textos, desde o início dos anos 90, uma literatura que transita entre poema para o conto e desde, então, para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. Destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória - afetiva ou étnica -, como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou histórico-sociais, e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever pelas palavras a realidade sociocultural das pessoas negras. Conceição possui uma voz que se faz audível, sobretudo ao abordar aspectos da vida cotidiana da mulher, com seus dilemas, angústias, frente uma sociedade patriarcal e racista.

Inclusive, em seu livro mais recente *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), aparecem os motivos da diáspora negra, da autoria feminina e da construção da identidade negra como temas recorrentes. Em seu fazer poético, tal qual o faz Carolina, Evaristo explora uma retórica da resistência, colocando em evidência a desconstrução do imaginário acerca da figura da mulher negra. O que ela faz é empoderar o eu lírico feminino lhe dando poder sobre a sua voz, o seu corpo e a sua cultura. Portanto, as questões étnico-raciais não são apenas reflexos da realidade brasileira a ser incorporado na escrita, mas uma experiência constitutiva de sua subjetividade.

Há uma intensa busca da própria voz e a resistência ao silêncio histórico imposto pelo colonialismo e perpetuado pelo racismo aos afrodescendentes no Brasil. Como forma de enfrentamento a esse silêncio “secular”, as autoras propõem uma escrita arqueológica afetiva, que escava memórias a fim de reconstituir elementos familiares que permitam ao eu poético afirmar-se no mundo, “ao mesmo tempo” que reconstitui as suas origens e concretiza sua identidade. E como possibilidade de estruturar a genealogia da própria voz, muito comum da filosofia africana, por isso, observar-se a retomada do princípio de matrilinear de organização social.

Segundo Lélia Gonzalez (1984) uma intelectual preocupada em compreender a sua sociedade. E nisto, sempre se debruçou a analisar como os mecanismos do racismo se articulavam no Brasil. Por isso, neste texto alguns pontos abordados são: o mito da democracia racial e como teve tanta aceitação e divulgação, a neurose cultural brasileira, como a mulher negra é situada nesse contexto é vista na sociedade. Assim para a construção do seu estudo, Lélia interpreta o racismo como parte do indivíduo brasileiro,

advindo da estrutura de colonialidade imposta nos anos de monarquia e exploração de Portugal.

Por meio do “duplo fenômeno do racismo e sexismo”, articulação que para ela “produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 1984, p.224). Visto que a mulher negra foi negado o estatuto de sujeito, ela é sempre o objeto, seja de estudo, seja de desejo. É sempre colocada com o Outro. O negro esta, na maioria das vezes, atrelado a imagens negativas e ao lixo. Ainda cita a lógica de dominação imposta aos corpos negros para domesticá-los, e infantilizar.

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. [...] Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. (...) (Ibid., 1984. p. 225)

Assim como Lélia, Carolina Maria e Conceição perceberam que a mulher negra foi negado o estatuto de sujeito, ela é sempre o objeto - seja de estudo, seja de desejo. É sempre colocada com o Outro. E que o negro está, na maioria das vezes, atrelado a imagens negativas e ao lixo. Ainda cita a lógica de dominação imposta aos corpos negros para domesticá-los, e infantilizar. Por isso que em seus textos e poemas elas subvertem essa ordem, e fazem os sujeitos de sua escrita terem voz, denunciar suas mazelas, cantarem suas alegrias, louvarem seus corpos, seus ancestrais e ritos.

Conforme, Dr. Claudemir Silva Paula (2015) em um capítulo a respeito de Conceição Evaristo, discorre sobre a editoração de livros de autores negros, e que apesar das dificuldades, reafirma a sua importância e diz:

Ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delineados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos para compor outras histórias’ (FONSECA, 1992, p. 11). Essa perspectiva coloca em cheque a metanarrativa da miscigenação, como simbiose aglutinadora das diferenças, e, para além dos legados históricos diversos, desencadeia “rachaduras” no campo discursivo, desestabilizando o poder tradicional, tanto literário, quanto econômico. (PAULA, 2015, p. 92)

E é no fazer poético, pois a poesia tem sido utilizada desde Cruz e Souza e Maria Firmina dos Reis até os dias atuais como forma de denúncia das opressões e de exaltação da negritude. Desta maneira, Audre Lorde (1984), que foi uma escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista. Descrevia a si mesma como Negra, Lésbica, Feminista,

também “Guerreira” e “Mãe”. Escreveu diversos ensaios em questões como racismo, feminismo, sexualidade. Em seu texto “Poesia não é luxo” afirma que a poesia, para mulheres de cor é uma necessidade de sobrevivência.

Eu falo aqui de poesia como uma destilação revelatória da experiência, não o jogo de palavras estéril que, muitas vezes, os patriarcas brancos distorceram a palavra poesia para significar - para cobrir um desejo desesperado por imaginação sem vislumbre. Para mulheres, então, poesia não é um luxo. Ela é uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual predizemos nossas esperanças e sonhos em direção a sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tocável. Poesia é a maneira com que ajudamos a dar nome ao inominado, para que possa ser pensado. O horizonte mais distante de nossas esperanças e medos é calçado por nossos poemas, talhado das experiências pétreas de nossas vidas diárias. (LORDE, 1984, l. 1)

Ainda sobre a escrita feminina de mulher de cor, que demonstra não só a resistência de suas vozes, mas também que a subalternidade e o silêncio não lhes cabem mais. A escritora e feminista latina, Gloria Alzandúa (1981) em seu texto Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo aponta para a necessidade das mulheres de cor escreverem e usarem da linguagem do colonizador (FANON, 2005, p. 198) como forma de se rebelar e de se sentir mais viva.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ALZANDÚA, 1981, p. 232)

A escrita é um ponto de reencontro consigo mesma, um lugar chamado por Alzandúa de “ato de criar alma, é alquimia” (ALZANDÚA, 1981, p. 232), é usada para penetrar lugares antes desconhecidos, para afastar e para ajudar a sobreviver. É o lugar de derramamento, e portanto, íntimo, mas que pode ser ficcional. A frase final de ter medo de não escrever, pode ser encarada como o medo de deixar de fazer algo só porque dizem que a escrita feminina não é boa o suficiente para ser lida, ou que a sua ancestralidade

não é importante o suficiente para ser desbravada e descrita em livros de história sobre “descobrimento”.

O fazer poético, nessa perspectiva, não tem o corpo apenas como um tema, mas como um “dizer-fazer”, suscitando questionamentos e, ao mesmo tempo, propondo soluções transformadoras, nem sempre fáceis ao deleite do leitor. De forma singular, o corpo é construído como um saber passível ao combate do padrão idealizado de mulheres e ao enfrentamento aos instrumentos socioculturais utilizados para estabelecer lugares (in)apropriados às mulheres, cujos contornos corporais se apresentam contrariando o padrão hegemônico. (PAULA, 2015, p. 99)

E é desse fazer poético, o lugar de escrita que se inserem as autoras escolhidas, de a quem e para quem deve ser dado o lugar de memória. E é por meio da metaforização do corpo, que elas elaboram os poemas. Dando um basta do olhar do outro sobre si. Por isso que, ao trazer para a cena poética performatividades (estéticas, culturais, sociais e morais) diferentes das hegemônicas, Jesus e Evaristo propõem um movimento de aceitação que rompe as tramas de opressão, convocando o corpo a apropriar-se de si, e gerenciar seu destino.

Deste modo, Jesus (2019), no poema abaixo, convoca a temática do corpo na escrita como um movimento de reconhecimento, e de busca de afetividade e do relacionamento amoroso. Sendo a afetividade pensada, em primeiro momento, a partir das relações familiares, em que não se foi conhecido o amor e carinho pelos pais. E depois, em um segundo momento, esta é pensada pela ótica do relacionamento amoroso, uma busca frustrada devido o preterimento.

#### *Anseios*

*É tão triste a minha vida...  
Não conheci mãe nem pai.  
Sou como a folha desprendida  
Que ao sopro do vento vai.  
Nunca amei. Não tenho amante.  
Não sei o que seja afeição  
Sou uma andorinha errante  
Que anda vagando em vão.  
Por que me desprezas assim?  
Eu nunca fui preferida  
Quando alguém gostar de mim  
Terei, então, prazer na vida.  
O meu coração está ansioso  
Para abrigar alguém  
Amável, belo e carinhoso,  
E que me queira muito bem.  
Não há de magoar-me em nada  
E que não canse a minha paciência  
Então serei uma felizarda  
Hei de gostar da minha existência.  
(JESUS, 2019, p. 98)*

Há de se perceber os verbos no presente, uma forma de territorialização do eu, de posicionamento no poema. Observa-se que os versos se combinam nas terminações, o que lembra o modelo canônico de fazer poético, com a diferença da forma de exposição, que traz uma fluidez e sonoridade para a leitura. Começa as estrofes afirmando não ter conhecido pai ou mãe, e por isso há a sensação de folha desprendida. Como se não tivesse uma âncora, algo que a segure, por isso está solta.

Nas estrofes, “Nunca amei. Não tenho amante. / Não sei o que seja afeição / Sou uma andorinha errante / Que anda vagando em vão.”. A sujeita questiona-se a respeito do amor. A angústia existencial recomposta nos versos reconfigura as imagens das histórias de vida, ultrapassando o aspecto da narrativa de fatos acontecidos; são a própria razão de ser. E mais uma vez, vem a imagem desse desprendimento, dessa soltura que incomoda a eu lírica.

Assim, nas estrofes seguintes aparece esse querer alguém do lado, essa necessidade de estar com, para só depois ter prazer na vida “Quando alguém gostar de mim / Terei, então, prazer na vida. / O meu coração está ansioso. / Para abrigar alguém / Amável, belo e carinhoso, / E que me queira muito bem. ”. Vem neste trecho uma forte necessidade amar e ser amada, de alguém que dê afeto, para que só assim, a eu lírica seja completa. A visão desta incompletude de si é bem comum em muitos poemas da Carolina Maria, e faz pensar sobre como essa questão do cuidado e do amor é pautada somente em cima do outro, como se não fosse possível ser completo e ser feliz sozinho.

Assim, com a imagem da andorinha e da folha, o poema constrói um corpo que busca um lugar a se aquietar, um alguém ou um espaço seu. Mas que infelizmente, devido várias questões que o corpo negro carrega, sofre com o preterimento, que nada mais é do que não ser possibilidade de relacionamento e, conseqüentemente, de afeto por ser negra/o. No entanto, este movimento de reivindicação, territorialização e de denúncia desse corpo é uma maneira de subverter a lógica. Já que o esperado é apenas a aceitação do lugar de preterimento.

Sob esse ponto de vista, o corpo, para a mulher negra, não está preso essencialmente ao erótico da sexualização de subserviências masculinas ou submissões femininas. Como variável, o dizer-fazer poético reformula os contextos históricos e na individualidade retoma os ambientes traumáticos para repensar corpo da mulher negra. Por este motivo, as formas de representação da mulher negra no interior do discurso

literário de Conceição Evaristo (2008) subvertem esse lugar do eu-lírico da figura feminina negra. E mesmo que,

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2009, p. 23)

E é o que Conceição Evaristo (2008) faz no poema “Fêmea-Fênix”, no qual opera-se a transformação do corpo como instrumento de trabalho e a uma metáfora forte para o renascimento através da gravidez, algo que, como lido acima era negado às mulheres negras escravizadas. Uma escrita em versos livres, assim como o poema anterior. Percebe-se um eu lírico feminino em afirmação de identidade e de controle sobre seu corpo, além de ter uma metaforização dos quatro elementos, água, ar, fogo e terra.

***Fêmea-Fênix***

*Para Léa Garcia*

*Navego-me eu-mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,  
com o corpo marcado pelo olor  
da lama.*

*Abraso-me eu-mulher e não temo,  
sei do inebriante calor da queima  
e quando o temor  
me visita, não temo o receio,  
sei que posso me lançar ao fogo  
e da fogueira me sair inunda,  
com o corpo ameigado pelo odor  
da chama.*

*Deserto-me eu-mulher e não temo,  
sei do cativante vazio da miragem,  
e quando o pavor  
em mim aloja, não temo o medo,  
sei que posso me fundir ao só,  
e em solo ressurgir inteira  
com o corpo banhado pelo suor  
da faina.*

*Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
na vital carícia de meu cio,  
na cálida coragem de meu corpo,  
no infindo laço da vida,  
que jaz em mim  
e renasce flor fecunda.  
Vivifico-me eu-mulher.*

*Fêmea. Fênix. Eu fecundo.*  
(CONCEIÇÃO, 2008, p. 27)

Nas estrofes nota-se o uso dos verbos no presente, o que traz uma aproximação, ainda mais pelo eu narrativo estar falando das transformações que acontecem consigo. Assim, como dito acima, há a metaforização dos quatro elementos. O ‘não temo’ aparece em todas as estrofes também, mostrando que apesar da insegurança a mudança é necessária. Começando pela água, “Navego-me eu–mulher e não temo,/ sei da falsa maciez das águas/ e quando o receio/ me busca, não temo o medo”. Uma metáfora para autoconhecimento, como também para descoberta do prazer; um corpo marcado, e por isso, experiente, que pode ter medo, e que encontra na vulnerabilidade a força.

Nas estrofes seguintes aparece o elemento do fogo “Abraso-me eu-mulher e não temo,/ sei do inebriante calor da queima/ [...] sei que posso me lançar ao fogo/ e da fogueira me sair inunda,/ com o corpo ameaçado pelo odor/ da chama.”. Há um jogo linguístico, pois o verbo ‘abrasar’ lembra ‘abraçar’, mostrando que ao mesmo tempo que o fogo queima, ele abraça. Assim, a força e a coragem são encontradas no medo através do fogo. Fica presente a imagem do corpo acarinhado pelo fogo, e sair dele cheio e completo.

Em seguida, aparece o elemento ar, nas estrofes “Deserto-me eu-mulher e não temo,/ sei do cativante vazio da miragem, [...] sei que posso me fundir ao só,/ e em solo ressurgir inteira/ com o corpo banhado pelo suor/ da faina.” Iniciando com o verbo ‘desertar’ que é partir, mostrando que a eu lírico deseja e precisa sair de si, e (se) reencontrar em outros lugares. Nota-se, a possibilidade da solidão e do autoconhecimento para com outros espaços, mais uma vez. Toma-se a imagem do corpo, neste momento, como aquele que pode renascer do pó, e nas terras se aquietar. E que apesar, de haver o medo de mudar e da solidão, a mudança, novamente, é necessária.

Por fim, aparece o quarto e último elemento que a terra, nas estrofes “Vivifico-me eu-mulher e teimo,/ na vital carícia de meu cio,/ na cálida coragem de meu corpo,/ no infindo laço da vida,/ que jaz em mim/ e renasce flor fecunda. [...]”. Neste momento, o corpo que teima, que reluta e agora renasce maduro e mais forte. Surge, nesta parte, a imagem do corpo que não teme a sua sexualidade. E ao mesmo tempo, renasce por meio da fecundação, da gravidez, da maternidade. Neste ponto, fica clara a subversão poética proposta por Conceição, em que a eu narrativa fêmea-fênix detém o poder de não só ser fecunda, como de matinar.

Também nas estrofes finais, “Vivifico-me eu-mulher./ Fêmea. Fênix. Eu fecundo.”, constata-se o eu que percorreu um caminho, e mesmo com medo operou mudanças e desbravou a si. Um eu lírico feminino que renasce, da mesma maneira que o pássaro mítico. E assume seu lugar de fecundidade literária, daquela que planta e colhe as palavras. Com isso, no poema de Conceição, o corpo passa por transformações longe do olhar do outro, apenas sob o olhar de si. Ele passa pelo autoconhecimento, no qual o medo sempre está presente. Não como algo paralisante, mas sim, como parte do processo, é a descoberta e entendimento da vulnerabilidade.

Neste fazer poético, a metáfora da Fênix pode ser entendida como referência a gravidez, por isso, fecundidade e renascimento. Um renascimento de si, de um eu mais forte e mais experiente, menos temeroso, fica clara a necessidade de um olhar desnudo a si e mais atento às próprias necessidades. Do entendimento e confrontar com as vulnerabilidades e imperfeições. De um olhar da escrita poética como forma de empoderamento e levante político. Paula (2015) irá dizer que a respeito da construção a cerca do corpo negro o seguinte,

[...] dimensão histórica da construção discursiva do corpo da mulher negra diz respeito ao conjunto de memórias próprias ou de ancestrais. Enquanto no período da escravidão os elementos descritivos corporais regem a tipologia de utilidade e a especificidade da mercadoria, na pós-abolição, um conjunto de termologias valorativas e classificatórias fundamentam os estereótipos da feiura negra. Tanto em uma quanto em outra situação o fundamento é o mesmo: o fator biológico manifesto na aparência física, como determinante classificador. Ser negra, nesse contexto, é ter as marcas da “imperfeição” e da “fealdade” como herança genética. (PAULA, 2015, p. 112)

Sendo assim, a busca da identidade passa pela memória coletiva, na recuperação de certos valores culturais originários, num resgate à tradição. Por meio de uma rede de negociações permanente, a fim de redesenhar o que seria o homem e a nação. Há tendências de recuperação, reavaliação e transformação das memórias do passado através do fazer poético. Com isso, o corpo entra como figura performática do ‘lugar da memória’, é por meio dele que são feitas as mudanças e que se carrega a historicidade, sobretudo o corpo negro.

## **CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos dois poemas percebe-se a transformação do eu lírico, identificado como feminino, que obtém e busca um controle de si e de seus processos. A marginalização se dá em palavras feitas e ditas por mulheres tomarem o poder para si, e dizerem sobre seus corpos de uma maneira não sexualizada, mas poética. Foi possível observar que a palavra é da mulher negra e dela jamais será tirada. Por isso, que na poesia de mulheres negras, a volta ao estágio da nudez é fundamental para a recomposição do conceito sobre o corpo negro e a construção da subjetividade. De forma contraditório, a nudez pode significar proteção contra a violência, os maus-tratos e, sobretudo, a libertação do controle impiedoso representado pelas vestes.

## REFERÊNCIAS

- ALOS, A. P.. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 286-287, Apr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000100020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 jun. 2020.
- BERND, Z. Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- CUTI, L. S.. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, E. A.; LOPES, E. Conceição Evaristo: literatura e identidade. LITERAFRO: UFMG, 2020. <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>> Acesso em: 20 jun. 2020.
- EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>> Acesso em: 27 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FANON, F. “Sobre a cultura nacional”. In: Os condenados da terra. Trad. Enilce Albergaria Rocha; Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FERNANDEZ, R. A. Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus. Campinas, SP : [s.n.], 2015. FerOrientador: Vera Maria Chalmers. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270193/1/Fernandez\\_Raffaella\\_Andrea\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270193/1/Fernandez_Raffaella_Andrea_D.pdf)> Acesso em: 30 set. 2020.

GONZÁLES, L. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, Luiz Antônio. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, 1983.

JESUS, C. M. Clíris: poemas recolhidos. Rio de Janeiro: Desalinho Publicações, 2019.

LORDE, A. Poesia não é um luxo. In: Irmã Outsider. Trad. Tatiana Nascimento, novembro de 2012. “Poetry is no luxury” In. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 36-39 (a). Disponível em: [https://traduzidas.files.wordpress.com/2013/07/poesia\\_nao\\_eh\\_um\\_luxo\\_audre\\_lorde2.pdf](https://traduzidas.files.wordpress.com/2013/07/poesia_nao_eh_um_luxo_audre_lorde2.pdf)> Acesso em: 20 març. 2020.

\_\_\_\_\_. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: Hollanda, Heloisa Buarque (org). Pensamento feminista - conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019.

MARQUES, F. C. A Análise Literária. 2ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.

PAULA, C. S. “Negra sem Reticências”: Corpo e Corporeidade na poesia de Escritoras Afro-Brasileiras - (tese doutorado). São José do Rio Preto: UNESP, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154712/000869203\\_20181203.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154712/000869203_20181203.pdf?sequence=1)> Acesso em: 30 ago. 2020.

SILVA, F. (2017). Por uma fala: o negro corpo do discurso. Opiniões, São Paulo (10), 58-70. <<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2017.125154>> Acesso em: 23 jun. 2020.

ITAU CULTURAL. OCUPAÇÃO CONCEIÇÃO EVARISTO: MATERNIDADE. <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/maternidade/>> Acesso em: 28 de ju. de 2020.